

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

DOUS ERROS CRASSOS OU DOUS EQUIVOCOS? por um vimaranense.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Catholico, mas não clerical*, da Civiltá Cattolica.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Transformismo*, (continuação) pelo Padre F. Sauches.—SECÇÃO LITTERARIA: *Opinião de Laboulaye sobre a lei Ferry*, por S. F.; *Intemerata* (poesia) por Manoel Maria Fructuoso; *Notas*, por D. Antonio d'Almeida; *A Gijana*, por D. Maria del Pilar Simués, versão livre de J. de Freitas; *O Companheiro de viagem*.—UMA FESTA NO SEMINARIO DE FAR, por um spectator.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—ULTIMAS PUBLICAÇÕES, por A. Teixeira.

## GUIMARÃES, 30 DE JANEIRO

### Dous erros crassos ou dous equivocos?

#### Dous erros crassos?

Desde ha muito tempo que estamos prezenceando com tristeza uma lucta desgraçadissima, travada entre os dous unicos diarios catholicos que se publicam em a nossa patria, -- a *Nação* de Lisboa e a *Palavra* do Porto. Pondo de parte a fórma, que de ambos os lados não tem sido irreprochavel -- muito longe disso! -- e as questões propriamente pessoas, sempre lamentaveis, procuramos conhecer a substancia da discordia, para podermos avaliar á luz da razão desapaixionada de que lado estava o erro ou a má doutrina e de que lado a verdade ou a doutrina sã. Encontramos o seguinte, que nos parece resumir toda a questão ou ser o fundo em que a desabrida polemica dos nossos dous prezados Collegas se baseia:

—Affirma, ou parece afirmar, o *Diario de Lisboa*, que ninguem pôde ser em Portugal verdadeiro catholico sem ser legitimista, no sentido em

que vulgarmente se entende entre nós esta palavra; isto é, partidario convicto da dynastia do Sr. D. Miguel de Bragança, exilada desde 1834.

Citemos: — «Os catholicos sem adjectivo (1) refugiavam-se TODOS, como ainda hoje se refugiam, á sombra da bandeira da legitimidade» (*Nação* de 10 de janeiro deste anno, pag 1.ª, 5.ª col.) (2).

—Affirma, o parece afirmar, ou diario do Porto, que sendo alguém legi-

(1) Os sinceros, os verdadeiros, segundo a doutrina do mesmo diario, que não está longe de ser a nossa, pois que os de «adjectivo» são os liberaes; e catholico-liberal é coisa que mal se comprehende, como demonstrou até á evidencia o insigne P.º Ramière (Veja-se o *Liberalismo Desmascarado*, na 2.ª parte).

(2) Isto mesmo tem a *Nação* expresso centenares de vezes por diferentes fórmulas e maneiras; e referindo-se ao partido legitimista em geral, tem estendido a proposição a diferentes nações estrangeiras, á França e á Hespanha, *mutatis mutandis*, o que em verdade torna a sua proposição ainda mais evidentemente falsa, pois que existem fervorosissimos catholicos no partido napoleónico, assim como no affonsino, e até no republicano, por mais que isso pareça impossivel. — Uma anecdota a proposito:

Em 1849 chegou a Macau um missionario francez, decidido republicano (a sua patria estava em republica, e a Igreja vivia alli mais livre a certos respeito do que sob os governos anteriores, não exceptuando o da Restauração). Em quanto esperava embarcação que o transportasse conviveu com alguns missionarios hespanhoes, que muito estranharam a predilecção politica do seu Collega. Partiu este para a Conchinchina, e d'ahi a poucos mezes chegou noticia a Macau de que tinha sido martyrizado morrendo como heroe christão. Os bons Padres hespanhoes exclamavam: «*Quien podría creer que un republicano fuese santo, y que se volase al Cielo tan aprisa con toda seguridad!*».

timista no sentido atraz explicado, não pôde pertencer, sem quebra de seus principios politicos á redacção do mesmo diario, nem ser membro de um partido catholico em Portugal, ou pelo menos fazer n'elle obra proficua á causa da Religião e da Sociedade.

Citemos: — «E' claro que esse partido (o catholico) devia formar-se DENTRO DAS INSTITUIÇÕES VIGENTES, aliás sua acção seria improficua» (proposição de um artigo exarado na *Palavra* de 5 de janeiro de 1880, — artigo explicitamente approved e elogiado pela Redacção) (3). Mais: — «A

(3) O sentido que attribuímos as palavras transcriptas parece comprovar-se por outras palavras do mesmo artigo e pelas de muitos outros, exarados anteriormente no mesmo jornal, em que se manifesta um certo desprezo pelo principio de legitimidade politica, dando-se a entender ou que todos os governos são legitimos (o mesmo seria dizer que nenhuns o são), ou que os subditos não tem obrigação, ainda mesmo com a devida prudencia, de proclamar e defender os direitos do que é legitimo contra o que é usurpador. Assim: — «As nações têm os governos que merecem; — Deus serve-se dos maus para castigar seus crimes, e dos bons pare premear suas virtudes. . . ; — Se os governos são bons demos graças a Deus, se são maus esforcemo-nos por merecel-os melhores; — Aquelle que deu o imperio a Augusto, diz Santo Agostinho, esse o deu a Nero; O Santo por certo não quiz afirmar o absurdo de que o governo legitimo e o illegitimo ou usurpador merecem sempre igual submissão; e o que disse, no sentido em que o disse, é verdade. Além disso, os dous imperadores romanos não vem nada a proposito para combater a doutrina da legitimidade applicada aos governos da nossa epocha — E' dever nosso dar sempre a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar; Mas de um Cesar usurpador, havendo um Cesar legitimo, o que será, — no caso sobre tudo em que se possa prudentemente resistir ao primeiro e defender os direitos do se-

*Palavra* respeita, RECONHECE e obedece aos poderes publicos que encontrou constituidos: programma da mesma *Palavra*, publicado em principios de agosto de 1872 e novamente a 8 de janeiro de 1880, pag. 1.ª, col. 5.ª).

Ora, se a *Nação* quiz devéras dizer, como parece deprehender-se do sentido obvio e natural das suas palavras, que em Portugal *ninguem* pôde ser catholico sem ser partidario do Sr. D. Miguel e estar convencido da legitimidade da dynastia por elle representada; tenha paciencia, mas permitta-nos dizer-lhe que, além de ser injusta, commetto um erro crasso. um erro evidente á luz de toda a razão desapaixonada, — um erro já pela mesma *Nação* condemnado, ainda não ha muitos annos (4), — um erro finalmente que poderia arrastar a fataes consequencias, até sob o ponto de vista orthodoxo.

Quanto á *Palavra*, se devéras nos quiz dizer que os legitimistas, ou *migulistas* (como se queira), só por o

gundo? . . — Não querer admittir este caso em caso nenhum, parece nos que é o mesmo que declarar-se pura e simplesmente revolucionario e liberal no peor sentido da palavra, e por consequente ferrenho anti catholico. — O officio de conspiradores pertence aos revolucionarios, o officio do catholico é muito outro. . . Eis a minha politica, etc., — verdades estas que podem ser e realmente são muitas vezes verdades inteiras, mas que no contexto parece terem só o alcance de meias verdades.

Se a isto acrescentarmos certas censuras, nem sempre justas e bem cabidas ao chefe do partido legitimista de França (que por *demasiada* honradez, na opinião de certos catholicos-liberaes do seu paiz, não se quiz declarar «rei legitimo da Revolução»), e ao de Hespanha (maltratado como todos sabem), além de certa má vontade contra este partido em geral, que por vezes se tem manifestado nas columnas da *Palavra*, achando se não pequena difficuldado em admittir nas mesmas columnas a refutação, que talvez por isso mesmo nem sempre tem apparecido, o soutido a que acima nos referimos parece accentuar-se mais.

(4) Quando nos disse, pouco mais ou menos, que a questão de legitimidade em concreto não era uma questão de fé ou de dogma religioso, mas uma questão de direito patrio, discutivel por consequente; e que por isso não chamava herejes ou anti catholicos os que seguissem uma opinião differente da sua, embora estivesse convencida de que laboravam em erro, etc.

serem o por taes se declararem, nada podem fazer de bom no campo catholico; são romoras; estorvam com suas intransigencias contra certas formulas de liberalismo moderado; e contentando-se com obedecer passivamente quando não tem outro remedio, só *conhecendo* mas não *reconhecendo* os actuaes poderes publicos da patria commum, pelo menos sem algumas reservas que a consciencia lhes dicta, devem ser por isso repellidos do «partido catholico», que só poderiam comprometter; n'esse caso, desculpe-nos a franqueza, mas permitta tambem que lhe digamos: — é injusta, commette um erro não menos crasso que o da *Nação* e por suas consequencias não menos perigosas em todo o sentido, — até, e quizá principalmente no do ponto de vista social, pois que desprezar um partido que afirma ser legitimista, sem previamente lhe provar que o não é, ou pelo menos sem negar que o seja, estamos intimamente convencidos ser o mesmo que declarar-se. . . *nihilista*.

## II

### Dous meros equivocos?

Mas não! E' impossivel! O prezado Collega da *Palavra* não quiz dizer isto e o prezado Collega da *Nação* não quiz dizer aquillo. — A *Nação* e a *Palavra*, salvas as fraquezas a que n'este mundo sublanar todos mais ou menos estão sujeitos, são dous jornaes serios, benemeritos, intelligentes, inimigos da injustiça, amantes da verdade, sincera e profundamente catholicos: — dizemol-o porque d'isso estamos plenamente convencidos — (5); não podiam intencional e voluntariamente prociamar semelhantes erros.

(5) De que não somos adaladores parece-nos que estamos dando boa prova. Amigos dos dous periodicos combatentes, isso sim; somol-o e o queremos continuar a ser. D'ahi a franqueza com que lhes expomos o que sentimos e o que sentem muitos dos seus leitores, — creiam-nos!

Se d'alguma coisa nos temos a penitencia, é de não termos acudido mais cedo com affectuoso carinho pelos contendores ao triste campo do duello; mas tambem para d'isso nos abstermos ostensivamente tivemos algumas razões que não são para aqui expôr. . .

E não nos teriam por atrevidos, a não ser em caso urgente, como nos parece que agora está sendo, pois que a lucta vae ultrapassando todas as medidas e escandalisando gravemente os expectadores?

tão manifestos, tão injustos e tão perigosos.

Provavelmente a *Nação* só quiz dizer que em vista da persistente hostilidade á Igreja por parte dos nossos governantes desde 1834, apoiados nas instituições politicas que nos enviou o Sr. D. Pedro do Brazil, *não pôde comprehender* como haja catholicos que desejem ou procurem por qualquer modo comparal-os, — a elles e ás suas instituições —; e que, em presença das provas que julga irrefutaveis em favor da legitimidade da dynastia do Sr. D. Miguel de Bragança, *não percebe* como esses mesmos catholicos, que como taes devem ser amantes e defensores do direito, e por consequente da legitimidade onde quer que se encontre, não se declarem desde logo legitimistas ou partidarios fieis do Sr. D. Miguel.

Fallando assim, *ninguem* estranharia a sua linguagem (a propria *Palavra* já uma vez declarou que estaria no seu direito e que não seria ella que a fosse contradizer); collocando-se no seu ponto de vista, a todos pareceria rasoavel; e embora não faltassem politicos de diferente pensar, a quem sua opinião parecesse exagerada ou discutivel, *ninguem* a taxaria de offensiva.

Mas então por que não fallar claro, e por uma vez, deixando de vir no dia seguinte contradizer o que se disse na vespera? Porque não evitar lamentaveis equivocos?

A *Palavra* só quiz dizer naturalmente que se collocou n'um campo neutro em relação aos partidos politicos da sua patria, no que elles tem de meramente politico, obedecendo ao governo constituido, no que não é contra a lei de Deus, e reconhecendo-o como tal; mas não o reconhecendo nem deixando de reconhecer como legitimo, — questão em que fez proposito de não entrar ou de que abstra.e completamente, como já algumas vezes nos tem dito com bastante clareza, embora, por desgraça, pareça n'outras occasiões tê-lo olvidado. . . (E parece tê-lo olvidado, quando ha permittido, ainda que raras vezes, que se combata mais ou menos directamente ou que se mostre má vontade contra um partido politico respeitavel que ella propria reconhece como geralmente catholico). — A *Palavra* só quiz dizer, que para tirar todo o fructo que ella imagina do projectado «partido catholico» em favor da Igreja é mister que os catholicos se unam, estreitados tão sómente pelo vinculo religioso, sem fazerem gala de anti-dynasticos nas associações catholicas, etc., e que empreguem certos meios que a constituição do paiz lhes fornece (como o

de recorrer ás eleições politicas para nomearem deputados que os representem nas camaras, etc.), embora essas instituições estejam civadas de liberalismo, o que é incontestavel, não o sendo menos aliás que já o estavam as de todas as monarchias seculares da Europa ainda antes de 1831.

Se isto dissesse, estava no seu direito; diria uma coisa bastante razoavel, que alguém lhe poderia talvez contestar n'este ou n'aquelle ponto, mas que ninguém com sombra sequer de razão (6) lhe poderia taxar de projecto traiçoeiro para perverter o partido legitimista, arrastando-o consigo por astuta surpresa ao campo do liberalismo,—desse mesmo liberalismo (estranho phenomeno! é preciso confessal-o) que a propria *Palavra* tem combatido quasi todos os dias com admiravel denodo desde ha sete annos que existe no campo da imprensa periodica!

Mas então por que não fallar sempre bem claro e porque não desterrar de uma vez os malditos equívocos?

Conclusão: — A *Nação* e a *Palavra* são dous periodicos igualmente catholicos, igualmente dedicados á causa da Sociedade e da Igreja, e por conseguinte inimigos decididos do liberalismo de todas as cores e de todos os matizes. Se algumas vezes outra coisa tem parecido e se não se tem feito mutua justiça, chegando até offendere-m-se, offendendo gravemente a caridade, ha sido por culpa de certos equívocos.

Se assim não é, expliquem-se os collegas e venham esclarecer-nos. Em todo o caso, pelo amor de Deus lhes pedimos que declarem guerra aos equívocos, fazendo perpetuas pazes entre si (7).

De outro modo, sem colherem o minimo lucro, phisico ou moral, farão rir... e chorar os circumstantes, ao passo que o inimicus homo, e só elle tirará proveito do espectáculo, ora triste ora ridiculo, que a todos estão dando.

Lembrem-se, oh! lembrem-se d'aquellas edificantissimas palavras do grande apostolo da mutua caridade, S. Francisco de Sales, já n'uma oc-

(6) Só sombra, concedemos. Mas...

(7) O que não tira que possam discutir, quando isso julguem util e necessario, algum ponto em que estejam divergentes, fazendo-o porém com placidez e caridade, como é de toda a razão, sobre tudo de razão catholica entre catholicos jornalistas.

casião similliant: a esta invocadas com optimo resultado, graças a Deus:

*En cette age ou nous avons tant d'ennemis au dedans du corps de l'Eglise. La pauvre mère poule qui a bien assez de peine a vous défendre des milans, sans que nous nous entreb-questions les uns les autres et que nous lui donnions des entorses.*

Os illustres collegas a quem nos dirigimos não devem ter animo menos generoso do que o tiveram, haverá 22 para 23 annos, GOMES D'ABREU e SOUSA MONTEIRO.

UM VIMARANENSE.

A redacção d'esta folha faz votos bom sinceros porque o nosso illustre vimaranense, que já em tempo conseguiu, se bem nos lembramos, a reconciliação da *Nação* com o *Bem Publico* consiga agora de novo a plena reconciliação d'aquelle diario com a *Palavra*. E' tempo de pôr ponto a uma polemica tão longa e tão desagradavel.

## SECÇÃO RELIGIOSA

Catholico, mas não clerical

(Continuado do n.º anterior)

IV

Felizmente não são muitas as pessoas que se dizem catholicos, mas não clericas. E' certo, porém, que esta phrase faz persuadir a muita gente, de que se pôde ser bom catholico pensando livremente em tudo aquillo que se não oppõe ao que está definido como dogma, ainda que contradiga a opinião do Papa e do Episcopado. Basta-lhes admittir aquelles artigos definidos pela Igreja como revelação divina; passar além d'isto, além do que a intelligencia comprehende, equivale a ser clerical, e isto não o querem. D'esta fórma julgam-se muito bons catholicos pelo simples facto de não serem declaradamente herejes; é o mesmo que reputar-se um filho modelo de submissão e respeito ao pae, por-

que não chegou ainda a expulsal-o de casa, ou não fez com seu mau comportamento que o pae d'ella o expulsa. Quando Jesus Christo impoz a Pedro a obrigação de apresentar o seu rebanho, e de o conduzir á salvação eterna *asce oves meas*; não fez a menor distincção, e quando constituiu os Apostolos em mestres do seu povo, disse-lhes em geral: «Quem a vós outros ouve a mim me ouve; e quem a voz despreza a mim me despreza.» *Qui vos audit, me audit; qui vos spernit, me spernit* (1). Os Pastores da Igreja foram-nos dados para nos servirem de guia, conduzindo-nos á salvação eterna; e a salvação eterna não pôde alcançar-se uma vez que se não creiam todos os artigos de fé. A vida humana, em todos os seus pensamentos e acções, deve ter como guia tão sómente a verdade e a lei divina, e esta regra não pode proceder senão d'aquelles que se constituiram em guardas e mestres da humanidade. Os Sagrados Pastores, segundo a frase do Apostolo não são mais que embaixadores de Christo e órgãos da sua divina palavra: *Pro Christo legatione fungimur, tanquam Deo exhortante per nos* (2). E quem se apresenta em opposição a elles, ainda que se não trate de pontos por Deus revelados, não se podem dizer filhos de Christo e seus discipulos fieis. *Judicium patris audite filii, et sic facite, ut salvi sitis* (3). Filhos escutae o juizo de vossos paes e obrae de maneira que sejaes salvos. E quem são nossos paes na Igreja de Deus, senão os sagrados Pastores?

(Continua).

*Civiltá Catholica.*

(1) Lucas, X, 16.

(2) 2.ª ad Cor. V. 20.

(3) Ecclesiastico, III, 2.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

## O transformismo

(Continuado do n.º 6)

Incontestavelmente um dos grandes serviços prestados á sciencia por Darwin foi o ter provado, que todas as diferentes raças de pombos domesticos tem uma origem commum, a *columba livia*.

Hæckel, não querendo a sua gloria por mãos alheias e receando que o seu nome ficasse na penumbra, fez tambem os seus estudos com relação ás esponjas calcareas, chegando á conclusão de que todas se derivavam do *olythus*.

E d'aqui a conclusão não contida nas premissas, de que as especies se transformavam.

Pois bem; provaremos em primeiro lugar que a *forma varia sem que a unidade especifica possa ser discutida*; e que pelo contrario as raças se caracterisam pelas proprias formas.

Os individuos d'uma mesma especie não são inteiramente semelhantes; differem entre si por uma ou muitas particularidades, que não dizem respeito aos caracteres da especie, mas que constituem as *variedades*.

Entre os caracteres que formam as variedades alguns são hereditarios, e os individuos que hereditariamente os reproduzem constituem as *raças*.

A *especie* é pois o ponto de partida; a *variedade* manifesta-se entre os individuos que compoem a especie; e quando os caracteres d'esta variedade se tornam hereditarios forma-se uma *raça*.

Ora, logo que se aceita a existencia das raças, diz Quatrefages, por esse simples facto se reconhece que o *typo especifico* é variavel.

A discussão só pôde versar sobre o maior ou menor desenvolvimento que attinge a variação.

Na verdade é impossivel desconhecer hoje que as dissimilhaças, tanto exteriores como anatomicas, existentes entre alguns animaes da *mesma especie*, são taes que, dadas em individuos no estado selvagem, levariam á formação de generos distinctos e perfeitamente caracterisados.

Os cães, entre os mamiferos, podiam já servir de exemplo.

O magnifico trabalho de Darwin sobre os pombos, continua o sabio auctor que nos serve de guia, prova que n'esta especie o campo da variedade não é menos extenso.

Certamente, se se desconhecesse a sua

origem commum, nenhum naturalista hesitaria collocar em generos diferentes o *messenger anglais* e o *grosse-gorge*, de que Darwin nos deu os retratos e fez conhecer a organização.

Isto, porém, prende com um facto de summa importancia, que não deve passar despercebido.

As *raças artificiaes* que o homem produziu ou creou d'uma só especie pelos processos de selecção e pelas experiencias de transformação, differem immensamente sob o duplo aspecto physiologico e morphologico das *raças naturaes* no estado selvagem.

E assim, quando uma especie tem representantes domesticos e selvagens, aquelles variam n'uma proporção muito mais consideravel que os segundos.

Este facto em que concordam Hæckel e Darwin, explica-o este em parte pelas differenças de meio.

Para quem admite a distincção fundamental entre especie e raça, taes como eu as comprehendo, diz Quatrefages, a explicação dada pelo sabio inglez é racional e completa.

Mas parece-me pouco satisfactoria para quem se colloca no ponto de vista commum a Lamarck, M. Naudin e Darwin, principalmente está, até um certo ponto, em desacordo com a doutrina que assenta sobre a *lucta para a existencia* e consequencias que esta arrasta.

Effectivamente a diversidade de condições imposta pelo homem ás especies domesticas e a protecção que lhes dispensa, explicam a multiplicidade das suas variedades e a existencia de certas modificações, mais ou menos incompativeis com as necessidades da vida selvagem.

O pombo-pavão, ostentando a cauda erguida em forma de leque, e não podendo por isso voar com vento contrario, não poderia evitar os seus inimigos com a mesma rapidez do pombo trocáz.

Em tão pessimas condições na lucta para a existencia, o pombo-pavão em breve desapareceria se não fosse preservado pela propria escravidão.

Mas se ha variações perfeitamente indifferentes, como as da côr, que se produzem sob a influencia da selecção inconsciente, e ainda mesmo sem selecção alguma e que nada tem de incompativel com a selecção natural, outras ha que assegurariam uma vantagem incontestavel, taes como o desenvolvimento do corpo e das forças, e que a selecção natural deveria fazer que se produzissem.

Porque não se accentuam semelhantes caracteres nas raças selvagens de modo a

egualar e ainda mesmo a exceder o que se observa n'este sentido nas raças do mesticas?

Se as causas naturaes são capazes de transformar as raças em especies, como é que não geram, entre raças espontaneamente derivadas d'um typo especifico, differenças comparaveis ás que a domesticação faz nascer quando actua sobre os representantes d'um mesmo typo?

Esta questão prende tambem com um principio, commum a todos os naturalistas que admittem a transformação lenta. Vejamos, pois, o seu valor.

»A natureza, dizem, dispõe do tempo; accumula indefinidamente pequenos resultados que, no decurso de seculos, attingem proporções que ninguem poderia prever. E' a-sim que ella sollevou a pouco e pouco o dorso das montanhas, aprofundou os mares e deu ao nosso globo a constituição e o relevo que hoje tem. As floras e faunas actuaes são o resultado d'esta acção.

Sempre simples em suas leis e partindo do simples para o composto, os vegetaes e animaes elementares foram necessariamente o seu ponto de partida, até que progressivamente lhes aperfeiçoou os organismos.

Qualquer especie formada foi a origem de novas especies que lhe succederam, e as divergencias accumuladas produziram os mais variados typos.

Esta passagem d'uma especie para outra, esta *transformação*, não tem nada de singular

O homem, cuja acção é tão fraca e limitada, aproveitando-se da hereditariedade e da selecção artificial, consegue a formação de *raças* d'uma especie preexistente; como é que a natureza, que dispõe plenamente do espaço e do tempo, não o conseguiria com mais facilidade por meio da hereditariedade e da selecção natural formar novas especies?

Na essencia, os meios d'acção são os mesmos, e a natureza, *mais poderosa que o homem*, deve poder fazer mais do que elle.

Esta argumentação tem seu quê de plausivel e é de modo a seduzir á primeira vista.

Todavia assenta sobre uma assimilhação que não pôde admittir-se na sua generalidade, havendo além d'isso uma verdadeira confusão.

E' verdade que o homem só pôe em acção forças naturaes; mas a *sua intelligencia* presta-lhe concurso efficaz.

E' verdade tambem que n'uma multidão de casos não pôde competir com a natureza; mas em muitos outros leva-lhe grande vantagem.

Se o homem não pôde elevar uma nova cadeia dos Alpes, também as forças naturaes jámais produzirão um tunnel como o do monte Cenis e um canal de Suez.

E que diríamos das obras d'arte propriamente ditas e dos mil maravilhosos productos da industria!

A natureza, pois, e o homem tem a sua esphera d'acção que lhes é propria, e confundil-as será um desmentido aos factos que todos os dias presenciamos.

Ora a observação e a experiencia dizem-nos também que o homem é mais poderoso do que a natureza, quando se trata de modificar os organismos vivos, por isso que em todas as especies, submettidas parcialmente á acção do homem, as variedades e as raças são mais numerosas e mais accentuadas entre os representantes domesticos, do que entre os representantes selvagens.

Em vão, porém, tem o homem redobrado de esforços para transformar estes organismos em novas especies, não indo além da formação de novas raças.

Como teria conseguido a cega natureza o que é defeso ao homem, apesar da sua intelligencia esclarecida?

Quem desconhece os processos complicadissimos pelos quaes o criador de animaes consegue modificar certos caracteres e aperfeiçoar outros, até que chega á formação d'uma nova raça?

E se o homem não tem podido transpôr os limites da especie, como o teria feito a natureza, se n'este ponto se mostra por toda a parte mais impotente do que elle?

No entanto não esqueçamos que a natureza e as forças naturaes são a panacêa universal com que se encapota muita ignorancia e muita má fé.

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Opinião de Laboulaye sobre a lei Ferry

Os leitores já hão-de ter conhecimento do que opinaram sobre o despótico artigo 1.º engendrado pelo ministro Ferry, os insuspeitos escriptores Littré, Julio Simon, Emilio Castellar. Todos elles, apesar de liberaes na gemina e adversos ao catholicismo, profiguram o tal artigo ou projecto de lei como inteiramente contrario á liberdade do ensino, á liberdade do pae da familia, e á dignidade da

creança, ameaçada de oppressão pelo verdugo Ferry.

Eis outro testemunho, sobre o mesmo assumpto, proferido por outro homem, outro escriptor, outro liberal não menos insuspeito. E' de Laboulaye, o celebre auctor de *Paris de America*.

Ouçamol-o:

De facto, na lei nova que tem o titulo singular de «Lei sobre a liberdade do ensino», mostrem-nos una só medida que desenvolva ou confirme essa liberdade! Será o monopolio da collação dos graos attribuido aos professores do estado?

Será a suppressão das inscripções cujo premio aproveitava aos estabelecimentos livres, premio que se transporta nos exames que não aproveitirão senão ao Estado? Será o retirar o nome de *universidade* e de *faculdades*, recusado para o futuro aos estabelecimentos livres que querem reduzir a não ser mais que pensões burguezas e salas de repetições? Será o artigo 7.º que supprime a concorrência de quinhentos professores? Declarem-nos em voz alta que reivindicuem os direitos imprescriptiveis do Estado, então comprehendemos este modo de pensar, ainda que se baseie n'um erro; mas sem fallar de liberdade, e principalmente tractem com menos severidade os legisladores de 1875. Por mais que façam e que digam, a lei de 1875 ficará como a mais liberal que se tem promulgado em França ácerca do ensino superior; ella será, com a lei dos conselhos geraes, a honra das Assemblêa nacional. Sem duvida, esta Assemblêa commettou mais d'uma falta politica, mas ella encerrava um grande numero de homens habeis, e ahi amava-se sinceramente a liberdade. Dizer mal d'ella, é talvez mais facil do que imital-a.

Qual será a conclusão d'este estudo? E' o não ser exacto dizer que a liberdade do ensino não é reclamada senão por um partido, para proveito de certos interesses religiosos e politicos habilmente dissimulados sob os direitos do individuo e do pae da familia. Não havia congregações religiosas em 1791, seu nome era esquecido em 1796, e comtudo todo o partido constitucional e republicano reclamava a liberdade do ensino. No tempo da Restauração, o protestante Benjamin Constant não era tido por jesuita; os republicanos de 1848 não cediam a ninguem em patriotismo, mas hoje tudo está mudado; os principios não são nada, ou antes não ha mais que um principio: «Não queremos a liberdade para nossos inimigos e adversarios!» Similhantes eclipses da justiça não são raros na historia dos partidos, mas não duram

muito tempo; a consciencia publica acaba por se achar contra os que, arrebataados por sua paixão politica, esquecem os direitos da liberdade. Esperemos não ter o atravessar as provas dolorosas que acompanham ordinariamente estas tentativas arbitrarías, e que a prudencia do Senado nos preserverará d'estas violencias que reanimam todo o odio, o que não tem jámais servido senão para apressar a ruina dos partidos assaz mal inspirados para recorrer a taes meios.»

Gambetta não ficará nada contente, mas que remedio? Quem está no poder tem de «engulir sapos de vez em quando.»

A phrase é d'elle. Pois engula mais este.

S. F.

## INTERMITTATA!

*Quien en sus manos  
pone su suerte  
nunca la muerte  
tema, jamas.*

(DR. RODRIGUEZ COSGAYA, *Lyra Matutina*).

Ó Virgem pura!  
vivo confôrto!  
favor e arrimo!  
amparo e luz!...  
fanal que amostras  
seguro pôrto  
no seio aberto  
do bom Jesus...  
da paz és fonte!  
Fartas doçuras  
no calix d'alma  
tu nos misturas,  
como delicias  
vindas do Deus!  
Bem dita sejas,  
ó Redemptora!  
Sob os teus braços  
em cada hora  
refugio encontrem  
os filhos teus!  
E's nossa estrella!...  
De noite e dia  
nos marque o rumo  
teu resplendor...  
Incertos passos  
nos auxilia...  
austém o embate  
do atroz error...!  
Se nos olvidas,  
Virgem, quem hado  
das tredas fauces  
da tempestade  
perdidos nautas  
prestes remir?...  
Quem inspirar-nos  
na dôr alento?!...  
Oh luz d'aurora!  
nem um momento

cesses de dar-nos  
o teu sorrir!...  
Virgem! és laço  
maravilhoso  
que estreita os homens  
aos pés de Deus...  
és o caminho  
mysterioso,  
por onde as preces  
sobem aos céos!...  
És graça, és força..  
és guia, és norte!...  
dá-nos firmeza,  
pois tu és forte;  
dá-nos abrigo,  
que és nossa Mãe!  
Oh! roga, e cessa  
o p'rgo logo!...  
que sempre, ó Virgem,  
um só teu rôgo  
poder infindo  
sobre Deus tom!  
Se agora em furias,  
em guerra accesa,  
do abysmo, ousado,  
surge Satan,  
e a Igreja assalta,  
que é a fortaleza  
da juventude,  
da grey christã,  
se, insano intenta  
vir o occidente,  
o sul, o norte,  
o vil oriente  
sobre os escambros  
prostrar a Cruz,  
mais nos recresco  
em ti a esp'rança;  
inabalavel  
perseverança  
em ti se esteja,  
Mãe de Jesus!...  
Em ti, que, do alto  
da excelsa gloria,  
dos inimigos  
és o terror...  
que extrenua acodes  
a dar victoria  
aos predilectos  
do teu amor..  
om ti, do Eterno  
sempre bemdita...  
farol á raça  
no eden proscripta,  
pôsto na via  
que aos céos conduz...  
Thesouro pleno  
de aroma e graças,  
sempre a espargires  
por donde passas  
o amor, as crenças,  
a esp'rança, a luz!  
A um teu sorriso  
se enxuga o pranto;  
se tu assomas,  
se extingue o mal  
Estende, ó Virgem,  
teu nivec manto,  
e solte embora

o vendaval  
escarchas duras,  
feros bramidos,  
surjam do inferno  
lethaes rugidos,  
oh! não nos prostra  
pueril temor!...  
Tu, alva, Pomba,  
que dás bonança,  
nos terás sempre  
em segurança,  
á sombra postos  
do teu amor.

MANUEL MARIA FRUCTUOSO.

### NOTAS

Um escripto appareceu cá na Terra portugueza, ha pouco, e no qual se sustentou o muito que ha esperar da futura geração se lhe ministrarem já os *jardins da infancia*! infancia *senil* nos parece tal alvitro, e ainda assim será capitulado *por urbanidade*.

O jardim junto á eschola ninguem recto impugna, mas seja dado a tudo o seu valor, e o mais necessario jardim *da infancia* é aquelle onde, segundo Deus, é cultivada *sua innocencia*!

Outra *buzina* (em tempo da azeitona) disse «que o *Syllabus* era antinomico com o *progresso*; distingamos; com o *progresso*, com Deus *não*; com o *progresso*, com o Diabo *Sim*. Reprovamos os *discursos leigos* juntos dos cadaveres; é moda da Revolução, que não quer *Agua Benta* nem *Requiescat in pace*. Por *maravilha* vi ha pouco um dos *taes discursos* onde se fallou da Providencia e se disse «que só Deus é tudo» se não *gostamos da moda* e ainda mais a reprovamos, — applaudimos n'aquelle discursador *aquelles dous Pensamentos*. Aberto o Parlamento francez veremos se será discutido e approvado o novo projecto de *lei da imprensa* elaborado por uma *Commissão*; o projecto é *de tal raça*, que para fazer uma *idéa* basta saber-se, que n'elle «é supprimido o delicto de offensa ás *religiões* reconhecidas pelo Estado e assim á Religião unica verdadeira a Catholica; e ao mesmo tempo conserva as disposições da *lei* de 25 de Maio de 1838 pelas quaes são punidos os ataques derivados dos ministros de diferentes cultos» *visando-se* especialmente os Padres, os Sacerdotes, os verdadeiros Ministros de Deus. E' uma declarada perseguição ao Catholicismo; se não se disserra por gente *official* na actualidade em França «que o *inimigo* de esta é o Movimento Catholico» mais que o dizem aquelle projecto, outros projectos

e outras cousas; inimigos da França — são o *opportunismo* e *radicalismo* revolucionarios. E' de muito interesse um trabalho, que vimos, do Dr. Ed. Dufresne sobre o *Sanatorium* de *Davos*, que não é menos que uma estação ou demora de inverno para os *Phthisicos* nos «*Altos-Alpes*» situação geographica bem differente da Ilha da Madeira, ou da Algeria, é uma opinião ou um projecto mas um facto aquelle *Sanatorium*; mui importante é a descripção e analyse médica que faz d'elle o Dr. Dufresne, mas uma analyse complexa e como de um homem *da Arte de curar*, occupando-se das *condições* da Phthisica, da *anemia* e abatimento de forças, das *condições* da localidade apontada, das *condições* apropriadas para receber os especificados doentes, etc. De modo que varios facultativos têm pensado se deverão mandar seus doentes alludidos para os climas de temperatura igual mas quente ou para o roferido *Sanatorium*, e têm-se decedido por este, quando os enfermos de que se tracta têm os meios para poderem pôr em practica as *condições* sem as quaes seria mortal-os mandal-os para ali. E' um novo recurso curativo permittido pela Divina Providencia, que permittirá que se vonham a estabeler em *Davos Hospitaes*; e só estes ou pelo menos *regulares fortunas* poderão proporcionar a ida para acolá dos Phthisicos, visto o indispensavel e dispendioso custo sanitario ou curativo. *Davos* não é sustentado como ponto *absoluto* em seu *Sanatorium*, mas aos *homens da Arte* cumprirá o estudo se ali ou á *Algeria*, *Cannes*, ou *Madeira*, devem mandar seus doentes. Nem todos os enfermos ou adoentados, idos a *Davos*, se têm restabelecido, e bem o significam as «*Cruzes no Cemiterio*» mas resultados importantes se têm obtido n'aquella estação ou demora helvetica; verdadeiras phthisicas sustidas como a do Dr. Unger: sérias curas Tuberculos em evolução melhorados por muitos annos; phthisicas *hereditarias* que se poderam transformar e feito desviar de suas primitivas predisposições; restabelecimento de forças e das facultades digestivas. Estudem, estudem os Facultativos aquelle recurso dispensado por Deus, e sobre o qual chamamos as *Attenções*, aproveitando, como fica alludido, a noticia do Dr. Dufresne. *Davos* está a altura de 5.000 pés, mas encontram-se ali *condições* de abrigo em que não entrou a mão do homem, e outras executadas pela mão de este segundo os talentos dispensados pelo Divino Creator. Ora é devido ainda notar «que é tido como podendo esperar-se a immunidadade da phthisica a

4,000 pés de altura» verdade é que differente será o nascer ali ou ir para ali enfermo,—mas para esta segunda hypothese se tem procurado todos aquelles preparos tão custosos e methodicos, que, juntas todas as condições, chegaram a fundar o *Sanatorium* de Davos. O argumento—é importantissimo e permitta o Céu que do sisudo exame de elle advenham os melhores resultados! A *Camara* belga regeitou uma proposta que minava malignamente as *Congruas* do Clero, embora o Ministerio actual em Bruxellas tenha offendido por outro modo os interesses Catholicos. O que o Clero recebe na Belgica pelo Orçamento não passa de uma parcial e *mui* parcial restituição dos bens usurpados lá como n'outros Paizes á Egreja. Quando se discutia o Orçamento belga, ou ainda antes, um Deputado (dos injustos) propôz: que se retirasse aos Veneraveis Bispos a respectiva *Congrua* para que os mesmos Prelados mudassem de conducta relativamente á nossa *lei de instrução!*

Tal injuria ao Character Apostolico teve uma boa resposta do proprio *Ministro dos Cultos*, o qual respondeu áquelle nefasto *legislador*—«*Que tal medida não serviria de nada.*» Os Bispos morrem mas não se rendem! A revista ingleza *Whitehall Reviv*, referindo uma entrevista do seu redactor ou de um dos seus redactores com *Jules Simon*, diz que este ao fallar do celebre «*artigo 7*» o taxou simples e eloquentemente de «*une bêtise.*» é por certo o tal *artigo*—uma asneira e uma iniquidade! Em *Néris* fez a sua abjuração do *Protestantismo* *Madame H...*, de Liverpool, nas mãos do Reverendo Padre Pinot, da Terceira Ordem; ainda *protestante* dizia aquella senhora a seu marido: «*Vai a Lourdes!*» agora *convertida* lhe dirá: «*Vamos a Lourdes!*» E' este um dos repetidos e não interrompidos triumphos da Verdade! O celebre revolucionario *Momiani* dizia «que Roma não podia pertencer senão ao Papa; ou a Cola de Rienzo, isto é, a Republica entendida á moderna. Logo só ao Papa pôde pertencer Roma; porque, sem mesmo outro argumento a Republica revolucionaria é a violencia que produz só cousas violentas e o aphorismo diz—*Violenta non durant.*»

Uns *radicaes* fôram julgados no Tribunal de Modena porque lhes tinham sido encontrados papeis *analogos* e entre estes uns *versos* de que daremos aqui uma idéa; eil-a: «O dia febril e de ebriamento que fará de nós outros tantos carrascos! Nós veremos então, com—uma alegria suprema, os ricos extirpados suspendi-

dos nos lampiões, abandaos pelo vento Vem oh donzella, mas não nos ministreis o vinho: lembra-te, que tu és petroleira e que tu deves encher de sangue os nossos cópos. O sangue nos enebriará: nós dansaremos no meio dos postes executores, e tu, bella petroleira, tu cantarás um hymno de raiva.» Estes sentimentos e propósitos são cantados em phrases que os não *traem*; são de ali, são de acolá, são de cá; são fructos da Revolução, seja esta abraçada no todo ou em parte, seja ella monarchica, seja ella aristocratica, seja ella banqueira, seja ella como fôr e de pé calçado ou de pé fresco. Os alludidos processados fôram absolvidos pelo Tribunal, pelo Tribunal que está no reino de Italia «*sub terrore*» como foi ha pouco confessado pelo periodico a *Opinions* que entre os revolucionarios de luva branca tem grande aceitação; e foi confessado assim: «A Italia (entenda-se italianissima) está perdida se se continua o permittir aos condemnados e a seus amigos escarrar na cara dos magistrados.»

Perdida de certo está ella; e mais culpados são os que, affligindo e martyrisando a verdadeira Italia, não duvidaram assim escarrar na Justiça!! Está perdida aquella Italia—embora esteja em pé ainda; tambem nm cadaver pôde ser equilibrado por algum tempo A imprensa periodica e officiosa de Berlim não disfarça seu contentamento pelo accôrdo da Alemanha com a Austria-Hungria; aqui lembra-nos ter sido declarado em occasião official na Prussia antes da guerra de 1866, sendo belligerantes a Austria, a Prussia, e o Piemonte «*alargado*» ser dito então «que o *Quadrilato* (o celebrado *Quadrilato* austro-italiano) interessava á Alemanha! Varios factos verificados e outros annunciados, do Centro e Norte da Europa, pôdem ou devem ser tidos como pronuncias de graves acontecimentos; os Gabinetes revolucionarios ou mais claro no serviço da Revolução não fôram ouvidos e den-se lhe apenas algum tanto de consolação e por agora. E tudo isto servirá Deus ou Deus fará que O sirva! Consta ou diz-se a algumas legoas de Thomar, que ha n'esta Cidade do Nabão uma *entidade official* que está ali fazendo grande estrago *doutrinal*. Que os responsaveis superiores se informem e depois pensem e decidam como fôr de justiça!

A colheita da azeitona será um pouco menos que meia safra no concelho de Villa Nova de Ourem; louvemos e bemdigamos a Divina Misericordiosa Providencia!

*Queritum primum regnum Dei et*

*justitia ejus, et hæc omnia adjicientur vobis.*

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

## A GIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

I

(Continuado do n.º anterior)

O medico tranquilizou quanto possível o caritativo mancebo, sem deixar de dizer-lhe que a enfermidade de sua mãe levaria muito tempo a curar; e fosse pelas palavras que dissera o medico, ou fosse mesino pela expressão de tristeza que notara em seu semblante, é certo que a pobre creança principiou a sentir uma certa oppressão de sentimento em seu coração.

A quem podia elle confiar sua mãe, n'esse estado de tanta gravidade e quando carecia de minuciosos cuidados? Como confiar das crendas o procurar uma enfermeira com reconhecido zelo, e com aptidão bastante para desempenhar tão ardua tarefa?

E assim abysmado em tristes reflexões, deixou que o medico partisse sem ter ao menos a lembrança de que só elle, e mais ninguem, estava no caso de indicar-lhe quem pudesse encarregar-se de cuidar de sua mãe.

Triste era o quadro que o apozento de D. Antonia apresentava depois da saida do medico.

A enferma, recostada em um leito de torneadas columnas, guarnecido de amplas cortinas de damasco azul, permanecia em completa immobildade.

Ao pé do leito sentava-se a sua creada particular, Izabel, formosa mulher de trinta e tantos annos, morena, de viva e petolante phisionomia.

Iluminava o aposento um candieiro, coberto com um *abat-jour* verde, para fazer mais mortica a luz. Em volta do candieiro e sobre o mesmo velador devisava-se uma infenidade de frascos que continham os medicamentos ordenados pelo medico.

Junto da cabeceira do leito, e em attitude profundamente abatida e triste, achava-se Roberto, que de espaço a espaço, e atravez a cortina do seda que cobria a porta, interrogava um

creado, que estacionava na ante-sala, a ver se alguma novidade tinha a comunicar-lhe.

Pouco depois, sabendo que os creados não se lembraram de servir alguma cousa ao mendigo, nem tão pouco de o fazer ver pelo medico, saiu do quarto de sua mãe, deixando-a confiada aos cuidados de Izabel, e foi saber do pobre velho.

A uma luz vaga e triste, projetada d'uma pequena lamparina, que havia sobre a meza junto ao leito, podemos admirar o quarto de Roberto, onde se achava o peregrino.

Era decorado luxuosamente, sem deixar de ostentar a mais elegante singeleza. Diante da janela havia uma meza de pau santo com mulduras de bronze; era a meza de estudo de Roberto, sobre a qual descansava uma formosa estante tambem de pau santo, pejada de livros, resguardados por amplas vidraças. Magnificas estatuas, quadros admiraves, representando passagem da Biblia e das Cruzadas, adornavam as paredes.

O leito era escondido por cortinas de seda verde, por entre as quaes e envolto em rendas o seda se destacava a nobre figura do ancião.

Sobre uma cadeira junto do leito via-se o habito do peregrino, o chapéu e o cajado; e, cousa estranha! longe de formar um contraste espantoso o luxo do quarto com o aspecto triste e abatido do mendigo, pelo contrario, parecia que a suntuosidade da casa se abrilhantava mais empregando-se n'elle.

Roberto estranhou a extrema limpeza do rosto e mãos do peregrino, e quam bem cuidada estava a barba e os encanecidos cabellos.

Com os olhos entre-abertos, sem duvida por causa da debilidade, parecia buscar no espaço alguma cousa que só com os olhos da alma podia ver, e que era, quem sabo?, um olhar de piedade do Deus das misericordias.

Estava em extremo palido; mas em seu semblante, e mais ainda em sua larga e elevada fronte, resplandecia a paz, a tranquillidade d'uma consciencia pura atravez de muitas dores e desgraças.

Roberto apenas entrou no seu quarto chamou um creado e ordenou-lhe que no mesmo instante trouxesse um caldo para o enfermo, e depois dirigiu-se a este nos seguintes termos:

—Como está? acha-se melhor?

—Sim, senhor...estou muito melhor—respondeu o peregrino com voz debil; e apenas rompa o novo dia vos deixarei.

—Rogo-vos me perdoeis o aparente olvido em que vos deixei. Minha mãe

está seriamente enferma, e não podia abandonal-a.

N'este momento chegou o creado com o caldo: Roberto aproximou-se do leito e dirigiu-se de novo ao ancião: —Vamos, bebei este caldo, que vos deve fazer bem, e deixae, por agora, todos os pezares que vos magoam. Eu tratarei da vossa enfermidade, e peço-vos que não penseis um instante em que isto possa dar-me o menor encomodo.

O peregrino ao sentar-se no leito fixou em Roberto um olhar humedecido pelas lagrimas e repleto da mais profunda gratidão

—Ah; meu Anjo!— exclamou com debil voz, mas cheia de convicção; como vós sabeis praticar as obras de misericordia, e quam grande deve ser a recompensa que Deus vos reserva! Vós daes pousada ao peregrino, e Deus vos dará a felicidade!

—Pedi vós a Deus que a envie a minha mão—murmurou Roberto, aproximando dos labios do ancião a taça que continha o caldo.

—De certo a paz descera do ceu ao espirito de vossa mãe—replicou o velho apenas tomado o caldo—porque as virtudes de seu filho devem ser recompensadas.

Roberto dispunha-se a uma larga conversa com o peregrino quando o creado lhe veio dizer que a pobresita chorava a bom chorar. Deixou por tanto o velho mendigo ao cuidado do seu escudeiro e foi ao caramanchão do jardim onde a encontrou desfeita em pranto

Vein comigo, disse Roberto; como te chamas?

—Edmunda respondeu ella, enchugando as lagrimas e fixando em seu protector os lindos olhos negros que possuia.

O jovem com o pensamento em sua mãe, apressou o passo e dentro em pouco achou-se com a sua protigida nos aposentos d'aquella. E, enterro-gando uma creada que estava á porta do quarto, e tendo em resposta que a enferma estava peor, deu ordem a Izabel para que desse de comer á pobre pequena; e despunha-se a entrar, quando a mendiga se dirigiu a elle com um acento repleto de ternura

—Não poderia eu ver a enferma?

—Tú? para quô?—replicou Izabel com modo desabrido.

—E' que eu sei curar os enfermos—respondeu Edmunda, cravando na camareira uma vista ouzada, atrevida.

Roberto sorriu-se com triste incredulidade, e Edmunda continuou com gravidade:

—Eu sei curar enfermos; a Violanta ensinou-me, e não careço de outra cousa mais que algumas flores.

—Virgem Santissima! é uma cigana!— exclamou Izabel afastando-se da pobresita com o maior espanto.

—Sim, sou cigana— disse ella deixando ao mesmo tempo de visar um d'esses sorrisos que são como um escarneo dirigido ás pessoas com quem se falla. Quasi que toda a minha vida a tenho passado entre ciganos, ou antes vivo com elles desde que me conheço. Vamos, senhor; eu saberei curar vossa mãe.

E assim fallando, tomou a mão de Roberto, que a levou, quasi machinalmente, para junto do leito de sua mãe.

—Meu Deus, meu Deus!— exclamou Izabel—Vae levar para junto da senhora a essa rapariga; não vê como está suja, indecente? Que dirá o medico?

Roberto devo pouca importancia ao que dizia Izabel; entrou com a pequena cigana, e deixou a creada berrar a seu bel prazer.

(Continúa).

## O companheiro de viagem

Lá se vae só, o virtuoso mancebo percorrer o escabroso caminho da vida, com o coração puro e terno, a alma generosa, e a vontade energica.

Lá se vae, occultando as lagrimas, com a mão sobre o oprimido coração como para moderar-lhe as palpitacões, e não ousa ir á casa d'onde sahira por temer que lhe falleça o animo.

E' que n'essa casa vivia a mãe, a qual lhe dissera: Filho, é necessario que partas; dentro de poucos annos voltarás para ao pé da tua velha mãe que te espera, solitaria, no lar da tua infancia, e então lhe trarás a felicidade para os ultimos dias.

«Filho, quizera acompanhar-te, porque é duro e nocivo ao homem o caminhar só, mas não posso, busca pois um amigo que te acompanhe na viagem

«A mocidade attrahe, por isso encontrarás muitos; escolhe porém, filho, e que este companheiro te seja o Anjo que guardou Tobias innocente, e o conduziu aos seus velhos paes.

«Mas a quem heide escolher, mãe, e como se chama aquelle que me desajaca para amigo?»

E a mãe beijando pela ultima vez o filho, disse-lhe ao ouvido um nome, e repetiu muitas vezes: *Só elle, filho, só elle!*

Eu vol-o prometto, mãe!

Lá se vae, pelo longo e espinhoso caminho da vida o virtuoso mancebo, com o coração puro e terno, a alma generosa, e a vontade energica.

E, quando ia caminhando, passou por deante d'elle uma como figura luminosa, e ouviu se uma voz dizer :

Queres-me para companheiro de viagem ?

Como te chamas ?

Gloria

Não é esse o nome que me disse minha mãe ; segue pois o teu caminho.

E mais longe, um ligeiro estremecimento percorreu todo o seu sêr, e uma voz suave como o canto do pastor da campina se ouviu :

Queres-me para companheiro de viagem ?

Como te chamas ?

Prazer.

Não é esse o nome que me disse minha mãe ; segue pois o teu caminho.

E mais adiante, figurou-se-lhe que seus pés reavalavam na relva, e que diminuira a fadiga ; n'esse momento uma voz branla como a brisa da manhã, e doce como o fallar da mãe ao filho innocente se fez ouvir :

Queres-me para companheiro de viagem ?

Como te chamas ?

A affeição.

Ainda não é esse o nome que me disse minha mãe ; segue pois o teu caminho.

E como ao aproximar-se a noite crescesse a tristeza do viajante em consequencia do isolamento do primeiro dia, experimentou de repente um sentimento de força que lhe era até então desconhecido, e uma voz meiga mas vigorosa se ouviu :

Queres-me para Companheiro de viagem ?

Como te chamas ?

Eu sou o dever !

Ah ! vem, vem ! Este é o nome que me disse minha mãe

Passados alguns annos voltou, sem mancha na virtude, o mancebo de coração puro e terno, de alma generosa e de vontade energica

E trazia á mãe que o esperava no lar solitario, a felicidade para os ultimos dias.

### Uma festa no Seminario de Faro

No dia 18 de janeiro tudo eram festas no Seminario de S José de Faro ; nos rostos dos jovens seminaristas transluzia grande contentamento e satisfação, e era bem manifesto que celebravam algum fausto acontecimento. E' que seu Venerando Vice-Reitor, o Rd.º P.º Antonio José dos Reis, commemorava o quinquagesimo anno em que pela vez primeira subira ao altar a offerrecor o incruento sacrificio.

Anciosos esperavam os alumnos do Seminario pelo jubiloso dia em que houvessem de dar tamanha alegria ao coração do santo varão, que os ama como pae estreñoso. Por isso, antes de chegar a segunda dominga depois da Epiphania, em que a Santa Igreja honra o dulcissimo nome de JESUS, formaram os seminaristas entre si uma pequena commissão, que especialmente se encarregasse dos festejos. O plano da festa a principio havia sido muito simples, uma festa sómente de casa, porém, quando chegou a occasião de pôrem mãos á obra, começaram de nfluir-se, e a coisa foi tomando grandes proporções.

Chegou a fim o suspirado dia. No rosto do venerando ancião brilhava uma alegria celeste, assim por alcançar o que pouco de seus irmãos no sacerdocio obteem, quero dizer, festejar o quinquagesimo anniversario de missa, como por ver o prazer e amor que lhe testemunhavam seus jovens seminaristas. Deu-se começo á festividade por volta das 11 horas da manhã com o canto de *tercia*, a que se seguiu missa a tres padres. Se uma missa do Rd.º P.º Reis sempre convida ao recolhimento e piedade, nenhuma como esta

Bem se via que o seu coração estava cheio de Deus, e que só n'elle tinha o pensamento. No momento da consagração sobretudo deslisavam lhe pelas afogueadas faces lagrimas de doce contentamento.

Terminada a missa, que os alumnos do Seminario cantaram, tocando o muito Rd.º P.º Alves Lopes d'esta cidade, que de bom grado, e animado da mesma satisfação dos seminaristas, se prestou a coadjuval-os com seu grande conhecimento de musica, e recolhido á sachristia o muito Rd.º P.º Reis, entre as pessoas que lhe foram dar os emboras, distinguia se o Ex.º Vigario Capitular d'esta diocese o o R.º Cabido.

Ao jantar passou-se um acto muito commevodor e que ouvi dizer a muitos alumnos lhes ficaria para sempre gravado na memoria. Dois alumnos dos

mais antigos da casa brindaram á saude do seu Venerando Vice-Reitor, saudando cheios de enthusiasmo o 50.º anniversario de seu Veneravel Chefe e Pae, e dando um alto Viva em sua honra, que á uma voz retumbou pelo refeitório onde sobre as mesas estavam vasos de flores. O Rd.º P.º Reis só respondia com gestos de agradecimento porque a voz lh'a embargava os soluços. Oh ! Como a virtude é amavel. Se o conseguiria outro que não fôra o Rd.º P.º Reis que com um viver tão puro e maneiras doces atrahe asi os corações de seus jovens seminaristas.

Seriam quatro da tarde quando se começaram a cantar vespéras solemnes, terminadas as quaes, um alumno do curso theologico fez um brilhante sermão cõsoante a festividade do santo nome de Jesus e que foi seguido do *Te-Deum*. Depois d'isto, medeando algum tempo, se encaminharun seminaristas e circumstantes a um espaçoso quarto, luxuosamente adornado. Por sobre um altar todo verdejante e onde as frescas rosas derramavam sua deliciosa fragrancia, resplandecia uma pequena imagem do Deus-Menino, brilhantemente illuminada.

Aos lados do altar estavam dois magnificos quadros dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Ao fundo destacava se o retrato a oleo do Rd.º Vice-Reitor. Apenas entraram, cantou-se um cantico ao Deus Infante, que foi seguido de um breve discurso recitado por um pequenito, que andará uns 13 a 14 annos.

Depois do discurso seguiu-se um lindo hymno em honra do revd.º padre Reis, feito pelo revd.º Beneficiado Lopes e a letra de um alumno do seminario. Ao hymno seguiu-se outro breve discurso de um alumno de preparatorios e a este succederam-se outros canticos ao Menino Jesus. Veio pôr remate á festividade um alumno do curso ecclesiastico com um elegante discurso, que, depois de exaltar a dignidade do padre e mostrar em resumido quadro os serviços que os ministros do altar hão prestado a Portugal, concluiu, dando um acalorado viva ao seu mui dilecto Vice Reitor, que foi repetido por quantos estavam presentes.

Eis como terminou uma festa que a todos alegrou e encheu de summo prazer e satisfação, que não ha aqui ninguém que não estime e venero o revd.º padre Reis.

Honra, pois, aos nobres seminaristas do Algarve que assim sabem prezar tão digno chefe e a este parabens por ter alumnos que tanto o estremecem.

Faro, 20 de janeiro de 1880.

Um spectator.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

## SUMMARIO:

*O desaparecimento do frio, e o reviver da natureza. — Uma bala socialista dirigida a um padre. — Palavras de S. Santidade. — O padre Felix e o artigo 7.º de lei Ferry. — Do que são capazes as irmãs da caridade! — Noticias do Funchal. — Uma noticia sem commentos.*

Ora até que finalmente deixon-nos esse importinente que nem ao menos nos dava licença de escrever! Queremos fallar do frio, do frio espantoso, toimoso, que por espaço de um mez, ou mais ainda, nos apoquentava, nos regelava, nos tirava a vontade de trabalhar, de ler, para só nos deixar passear ou então, e isto por muito favor, estar deitados na cama a segurar um livro com uma das mãos, enquanto a outra se aquecia para vir, oá fóra substituir aquella, que bastavam alguns segundos para se regellar. Deixal-o ir, o maganão do frio, prasa a Deus que este anno nos não visite tão cruelmente.

Bastaram dois dias de chuva. (mas que chuva, meu Deus!) para dar vida á natureza, que estava como paralitico, como que a pedir um banho das Caldas, mas dos mais quentes, de aquelles banhos ferventes de Visella. Já os campos ostentam a mais verde das alfombras; já os arroyos serpeiam por entre a relva; já magnificas torrentes de despenham por entre as rochas!

Deus seja louvado, que fez desaparecer um inimigo tão mau, tão mal-fazejo!

E já que não é muito o frio digamos aos leitores o que vai de novo.

A darmos credito a um telegramma que ha pouco nos transmitteu a Agencia Havas, o socialismo vai fazendo das suas em Inglaterra.

Eis a noticia:

«LONDRES 12—Um allemão chamado Schossa, suspeito de ser socialista, desfechou sabbado alguns tiros de revolver sobre o padre celebrante na igreja de S. Pedro. O padre não foi ferido, mas as balas destruíram os ornamentos do altar. O assassino foi preso, mas oppoz grande resistencia.»

Esperemos agora pelo que nos diz o telegrapho acerca do procedimento da auctoridade contra um attentado d'esta natureza. De certo dão o ho-

mem por doudo e mandam-o carregar de novo o revolver.

O *Post*, de Berlim, diz que o pontifice, respondendo ás felicitações que lhe dirigiu monsenhor Milcher, arcebispo de Colonia, dirigira a este prelado uma carta na qual sobresaem os paragrafos que seguem:

«Os perigos que ameaçam a sociedade humana parecem resultar, sobretudo, da Igreja ter perdido por toda a parte a sua influencia e a sua liberdade até ao ponto de já não poder velar, nem mesmo ás escondidas, pela felicidade dos homens.

«Ha muito tempo a esta parte fazemos esforços para que a nobre nação allemã possa provar os fructos d'uma paz duradoura, defendendo sempre os direitos da Igreja.

«Só Deus poderá resolver. Semelhante cousa não deve ser descuidada, porque em consequencia das doutrinas erroneas e dos projectos temerarios dos homens incredulos que repellem todas as disposições da lei, a ordem religiosa, politica e social, corre tão grandes perigos, que julgariamos faltar aos nossos deveres apostolicos não dando á sociedade humana, exposta aos maiores perigos, os remedios efficacissimos da Igreja.»

O pontifice, acrescenta o *Post*, convida depois os bispos e os ecclesiasticos a obedecerem ás leis do Estado sempre que não forem contrarias á fé e aos deveres dos catholicos.

A carta termina por estas palavras:

«Roguemos a Deus que inspire maior doçura nas medidas ao poderoso imperador da Alemanha e aos homens influentes que o secundam.»

O padre Felix, esse ornamento do pulpito catholico em França, vai fazer ouvir a sua voz auctorisadissima acerca do artigo 7.º da lei Ferry.

Em oito cartas vai dividir o notavel orador o seu trabalho, formando cada uma d'ellas um tractado. Eis os titulos das diversas cartas, que principiaram já a ser publicadas pelo *Univers*, e que nós, talvez, transcrevamos em breve:

1.ª carta. — M. Jules Ferry e o artigo 7.º (introdução)

2.ª — O artigo 7.º e o direito da familia.

3.ª — O artigo 7.º e o direito do Estado.

4.ª — O artigo 7.º e as duas Fran-

5.ª — O artigo 7.º e o clericalismo.

6.ª — O artigo 7.º e o jesuitismo.

7.ª — O artigo 7.º e a liberdade.

8.ª — O artigo 7.º e o direito commum.

Esta obra terá por titulo geral; *O artigo 7.º á face da razão e do bom senso, ou as contradicções de M. Jules Ferry.*

Depois do que disser o sabio jesuita, que faltará dizer para provar que a lei Ferry é a mais anti-liberal de quantas leis se tem decretado?

Que, isto aqui para nós, leitor, M. Ferry bem sabe porque quer afastar do ensino os padres, as irmãs da caridade, etc. etc. As irmãs de caridade, sobre tudo, é que mais lhe devem metter medo: porque estas mulhersinhas fazem cousas! O a avaliae pelo seguinte facto do que ellas são capazes, com as suas *impusturas*:

«Frederico Soulié, um dos mais celebres romancistas francezas, estava ás portas da morte. Educado sem nenhum principio religioso, sem saber uma só palavra de orações, o infeliz escriptor não pensava na salvação da sua alma.

Uma irmã da caridade, ajoelhada junto do seu leito, rezava com todo o fervor da sua alma o santissimo Rosario. De seus olhos corria um mar de lagrimas... O enfermo levanta a cabeça e pergunta-lhe.

— Que está ahí a dizer minha irmã?  
— *Padre nosso*, que estaes nos céos, etc!

— Como é bello! Repita outra vez E a irmã repetiu.

— E' magnifico: quero aprender essa oração do *Padre nosso*.

E' como um menino o aprende dos labios de sua mãe, assim Frederico Soulié aprendeu, palavra por palavra, a oração dominical dos labios d'aquelle anjo de caridade, cujas supplicas haviam tocado no coração de Deus. Este homem que havia blasphemado e que fizera guerra a Deus, sobre a terra, repetiu com ternura: «Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino!»

Morreu na paz do Senhor, depois de se ter reconciliado com Deus e murmurando aquellas doces e consoladoras palavras»

E' do nosso collega do Funchal a *Verdade*, que gostosamente trauscrevemos a seguinte noticia:

«No ultimo domingo do mez de dezembro, pelas 3 horas da tarde, teve lugar na capella de Nossa Senhora de Penha de Lourdes a distribuição

dos premios ás creanças que frequentaram com maior assiduidade e applicação as explicações da Doutrina christã, que todas as domingos alli faz o Revd.º Sr. Padre Ernest Schmit.

Logo depois da chegada de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Manoel Agostinho Barretto, cantaram as creanças alli reunidas um hymno ao Espirito Santo e em seguida relatou o Revd.º Sr. Padre Schmit o progresso e desenvolvimento d'esta obra tão salutar. Disse que depois da ultima distribuição de premios, que tivera logar ha seis mezes, a assiduidade e a applicação das creanças, tinham augmentado consideravelmente, excedendo a 160 o numero das que compareceram regularmente a estas explicações, devendo notar-se que 42 creanças não faltaram uma unica vez e que outras 40 apenas faltaram uma ou duas vezes.

Termiou pedindo a S. Ex.ª Rev.ª que quizesse designar a materia sob a qual desejava que as creanças fossem interrogadas, afim de melhor conhecer a sua applicação. Versaram sobre o 4.º mandamento as perguntas que lhes foram feitas, respondendo a ellas satisfatoriamente. Em seguida cantaram as creanças um hymno ao Menino Jesus, como seu modelo exemplar.

Tomou então S. Ex.ª Rev.ª a palavra e fallou da responsabilidade pelas almas que lhe estão confiadas, e das rigorosas contas que tem de dar a Deus quando alguma ovelha do seu rebanho for arrebatada pelo lobo da descrença; expoz tambem a necessidade que tinha de quem o coadjuvasse nesta vigilancia, manifestando ao mesmo tempo a sua satisfação, vendo que uma parte assaz importante do seu rebanho estava confiada a um zeloso sacerdote. Fallou ainda sobre a importancia da instrucção religiosa, e louvou os meninos tanto pela sua applicação como pela sua assiduidade, denominando verdadeiros heroes as 42 creanças a quem nem a distancia nem a intemperie poderam estorvar de comparecerem ás explicações da doutrina e cujo exemplo deveria ser imitado pelos seus companheiros.

Procedeu-se então á distribuição dos premios, terminando tão sympathica funcção pela benção solemne do Santissimo Sacramento.

São ainda do mesmo jornal as seguintes noticias:

«Conta que foram nomeados por S. Ex.ª o Sr. Bispo Diocesano, para os cargos de Vigario geral e Promotor do Bispado, os Rvd.ªs Srs. Padre Antonio Go-

mes Netto e Conego Custodio de Moraes e Brito.

O Sr. Padre Netto é um ancião respeitavel e já exerceu o cargo de Vigario geral no tempo do Snr. D. Ayres d'Ornelas. É geral a acceitação que tem este venerando ecclesiastico e o respeito de que goza nesta terra; e o seu nome é conhecido não so na Madeira mas tambem em Portugal e no estrangeiro. É pena que tão digno ecclesiastico, typo de virtude e abnegação, esteja tão quebrado pela enfermidade, porém ainda pode muito bem exercer as funcções do cargo que novamente lhe foi committido.

O Snr. Conego Brito é o decano do corpo capitular e apesar de ser ainda novo é contudo um sacerdote a quem a Igreja deve ja muitos serviços. Reune a sua illustração não vulgar, muita obsequiosidade, tendo grangeado as sympathias do seu Prelado e de todos os madeirenses. Apesar da sua bondade de caracter e amante da disciplina, e está sempre prompto para concorrer com os seus serviços em qualquer acto do culto. A Associação Catholica d'esta cidade tem d'esta verdade sobejas provas. Damos os parabens aos Rv.ªs Vigario Geral e Promotor do Bispado e desejamos que por muitos annos exerçam estes officios para bem da diocese.»

N'um jornal de Lisboa encontramos a seguinte noticia, que transcrevemos sem commentarios:

«N'um jornal do Rio de Janeiro lê-se o seguinte:

#### *Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro*

Na chancellaria d'este consulado geral recebem-se propostas em carta fechada para a compra do escravo Paschoal, de cor preta, com 13 annos de idade presumiveis, carpinteiro, e avaliado em 60:000 réis, que faz parte do espolio do subdito portuguez conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, e pôde ser visto na rua do Lavradio, n.º 6.

As propostas serão abertas no dia 16 de dezembro proximo futuro, á 1 hora da tarde, na referida chancellaria, sendo accerte a que maior preço offerecer acima da avaliação.—Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1879. — Barão de Wildt, consul geral.

A tal respeito faz um nosso collega as seguintes considerações:

«Aqui temos a bandeira portugueza pro-

tegendo o infame commercio da escravatura!

O consul geral de Portugal no imperio do Brazil feito corretor de carne humana!

Que fará o governo quando a imprensa accusa vergonhas como estas?

Aguardamos.»

J. DE FREITAS.

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES

### I

**LAS MISSONES CATÓLICAS. REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA.**

Recebemos o 1.º n.º d'este interessante e notavel publicação que sae á luz em Barcellona, duas vezes por mez em fasciculos de 24 paginas em 4.º grande com muitas e magnificas gravuras.

Destinada á narração dos feitos da heroicidade practicados em todas as partes do mundo por esses verdadeiros apóstolos do catholicismo chamados missionarios; a tornar conhecida a obra da propagação da fé, a obra mais portentosa que os seculos teem admirado, tal é o fim a que se propõe as *Missões Catholicas*.

Que pôde haver que mais agrade ao o espirito d'un catholico que a historia das missões catholicas e que a narração d'essa vida d'abnegação e sacrificios, levada com a resignação dos martyres, pelos descendentes de Francisco Xaxier, que continuam, á custa dos maiores sacrificios, essa vida enctada pelos Apóstolos, e que tantas almas rouba todos os dias á idolatria, engrossando as fileiras dos verdadeiros crentes?

Que haverá que mais possa deleitar, que a exposição d'esses sacrificios humanos, levados a effeito por povos barbaros, sem fé, sem creanças, sem religião?

Pois é tudo isto o que nos dá a notavel publicação de que nos occupamos nas 24 paginas que temos presente.

Mais detidamente nos occuparemos d'uma obra digna da protecção de todos so catholicos, lemitando-nos por hoje a conduzir os leitores para os annuncios que publicamos nas capas dos numeros anteriores e a transcrever o Summario do 1.º n.º, que dará uma verdadeira ideia do que é, e do que valem as *Missões Catholicas*, que summamente agradecemos á illustrada redacção.

Eis o summario do n.º 1:

«TEXTO. — Las Misiones católicas y la *Obra de la propagacion de la fe*.—ANAM: Apurada situacion de la Mision española del Tong-king con motivo del hambre y de la peste.—PRINCIPADOS DANUBIANOS: su nuevo modo de ser á consecuencia de la última guerra: sus relaciones con la Iglesia católica.—COSTA DE LOS ESCALAVOS: I, *Sacrificios humanos*: fiesta anual de las *grandes costumbres* en el Dahomey.—COREA: Relacion del cautiverio del Ilmo Sr. Ridel, vicario apostólico.—INGLATERRA: esperanzas de su próxima vuelta al Catolicismo: jerarquia episcopal católica.—CRÓNICA: Ho-nan, Hou-nan, Japon, La Pampa, Tierra-Santa, Colombo, Mayssour, Patna, Vizagapatam, Southwark, Marquette, Sanghai, Tomez.—NUEVA-NURCIA: Historia de una colonia benedictina en la Australia.—VARIEDADES: El P. Cuarteron: recuerdos de un viaje á Naniá.—TIERRA-SANTA: I, Jaffa (apuntes históricos y descriptivos).—EFEMÉRIDES.

GRABADOS.—Misioneros atequizando á varios chinos en Ho-nan.—Sacrificios humanos en el Dahomey (4 grabados).—Retrato del Ilmo. Sr. Ridel, vicario apostólico de Corea.—Grupo de misioneros y niños negros en Sooradah (Indostan).—Asamblea del episcopado católico de Inglaterra.—Colegio de San Edmundo en Cantorbery (Inglaterra).—Vista de Jaffa en Palestina. »

## II

LA ILUSTRACION POPULAR ECONOMIA DE VALENCIA. REVISTA CIENTIFICO-LITERARIA-ARTISTICA, CONSAGRADA AL CORAZON ADORABLE DE JESUS.

Cá nos chegou tambem a visita d'este apreciavel collega, visita que sobremodo agradecemos, e que mandamos pagar com a troca da nossa Revista.

E' o n.º 374 e o 1.º do 12.º anno, o que acabam de receber.

São muito e bem escriptos os seus artigos e sublimes as poesias que enserra.

Invejamos á Hespanha tanto jornaes puramente catholicos, o que mostra o estado em que se acha o catholicismo n'aquella nação.

Só de Valencia recebemos nós tres jornaes catholicos, sendo dois diarios!

## III

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS, POR J. CHANTREL, VERSÃO DA ÚLTIMA EDIÇÃO FRANCEZA, POR ANTONIO JOSÉ DE CARVALHO.

Distribuiu-se o fasciculo n.º 17 d'esta obra, importante a todos os respeito, que anda editando o mesmo editor do *Progresso Catholico*. Depois do que a imprensa tem dito, das recommendações que d'ella tem feito alguns membros do Episcopado portuguez e do estrangeiro; e depois da Provisão ha pouco dada pelo sabio e virtuoso Prelado da Madeira, o Exm.º e Rm.º Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, e que nossos leitores deverão ter lido no passado numero; depois do tudo isto, que podemos nós dizer?

Ao abrir o presente fasciculo deparamos logo com uma das epochas importantes do Papado, em que foram principaes pretogonistas S. Pio V. e Xisto V.

Façamos um extracto da primeira pagina d'este fasciculo, pelo qual os leitores podem opinar do modo como o illustrado historiador se propõe tractar uma das mais importantes questões de que se tem occupado a Egreja.

«Prolongou-se até nossos dias o abalo produzido na Europa pela revolta de Lutheró; é preciso demonstrar, que o Papado não é responsavel pelas calamidades, que se seguiram a ella. Se a christandade tivesse escutado a voz dos Papas, uma das grandes difficuldades da politica contemporanea, a questão do Oriente, estaria resolvida ha muito; se a voz d'elles tivesse sido ouvida, ter-se-hiam evitado as guerras do seculo decimo sexto, a grande guerra que marcou o principio do seculo decimo setimo e todas as agitações, que inquietam o mndo ha mais d'um seculo; a actividade europea ter-se-hia dirigido para empresas mais uteis e mais fecundas e talvez que todos os homens fossem agora christãos. Sem duvida havia abusos, quando appareceu Lutheró; mas os concilios e Papas iam-nos indicando, estava começada a reforma, por toda a parte brilhava a santidade sem nunca deixar de se manifestar na Egreja, e preparava se um magnifico desabrochar de virtudes e dedicações. Vieram continuar o movimento catholico grandes e santos Papas, illustres doutores, novas ordens religiosas e missões, que davam muitos fructos, e que, em quanto o protestantismo arrancava á unidade povos inteiros, reparavam com gloriosas conquistas as perdas, que a Egreja experimentava.

Vamos apresentar os principaes traços d'este quadro. Falando-nos cada vez mais o espaço, limitar-nos-hemos a fallar dos principaes personagens, entre os quaes figuram os de dois grandes Papas, Pio V e Xisto Quinto. Seria superfluo indicar as fontes, aonde fomos buscar as nossas informações; são muitas desde o seculo decimo sexto. Citaremos porém, não fallando nas

historias geraes da Egreja e nos biographos particulares dos personagens, a *Historia dos Papas durante os seculos decimo sexto e decimo setimo* por Panke, e muy especialmente a *Historia de S. Pio V*, pelo visconde de Falloux. Servimo-nos tambem da excellente obra do conde Tullio Dandolo *Roma et i Papi*, o qual reuniu com rara felecidade os mais notaveis trabalhos feitos em França acerca dos Papas, accrescentando-lhe estudos italianos, cujo interesse não é somenos. Não poderiamos olvidar o excellente estudo sobre *Henrique IV e Xisto Quinto* por Segretain, cuja morte prematura privou as ideias catholicas d'um estrenuo defensor. Continuaremos, recorrendo ás melhores fontes, a seguir os historiadores que foram mais hostis ao Papado, a fim de os refutar directamente, ou com a exposição dos factos, á proporção que avançarmos na nossa *Historia*. »

O Editor, como os leitores veem do annuncio que vae na capa d'este numero, vao abrir uma nova assignatura para esta historia. Chamar a attenção dos leitores do *Progresso Catholico* para esse annuncio, e recommenda-lhe que aproveitem esta occasião de adquirirem, á custa de pequenos desonvolços, uma obra de tanto merecimento, é dever nosso, é dever de todo o catholico, é dever de todo o homem que deseje saber a verdade.

Temos tambem a agradecer a troca que se dignaram fazer com a nossa Revista os seguintes jornaes, que pela primeira vez nos visitaram:

LA SENERA, DIARIO CATHOLICO DE VALENCIA, que principiou com o corrente anno a publicar se em Valencia. E' mais um soldado, armado com as fortissimas armas da fé, que vem combater a nosso lado em prol da Egreja, da verdade.

O PROGRESSO, jornal do partido progressista, que vê a luz da publicidade no Funchal.

Agradecemos a troca e mais ainda o ter dado principio em suas columnas ao romancesinho que aqui foi publicado com o titulo de—*Thereza de Jesus*.

A SENTINELLA. Semanario que principiou a publicar se em Braga e que promete ser franco e desassombrado nas suas apreciações.

A todos agradecemos a visita, a todos desejamos longa vida, e a todos enviamos o *Progresso Catholico*, como prova de que lhe apertamos a mão ao encontral os a vir parar nos arraiaes do j.ºrnalismo.

A. TEIXEIRA.